

COMO SE DIZ O QUE SE DIZ: LÍNGUA E COMUNICAÇÃO NO E- MUNDO CONTEMPORÂNEO

Francisco Carlos Carvalho da Silva
Doutorando em Linguística Aplicada (UECE)
carlos.carvalho@uece.br

Geórgia G. B. Cavalcante Carvalho
Mestranda em Estudos da Tradução (UFC)
georgia.carvalho@uece.br

RESUMO

Objetiva-se, nesse artigo, tecer algumas considerações acerca da língua e da comunicação digital na atualidade. As sociedades, desde as mais remotas às mais avançadas, podem ser compreendidas como ambientes de vivências e trocas culturais, o que as torna espaços de livre convivência, aprendizagem, ensino e aquisição de valores. Como mediação da necessária interação que se observa entre os membros de uma determinada sociedade, a língua, posta em prática pelo viés da comunicação tem se mostrado, ao longo da história da humanidade, como eficaz elemento de assunção de identidades, subversão, discursos e emponderamentos. Assim, com o advento da Internet, língua e comunicação atingiram novos patamares, rompendo com seu padrão tradicional de ser. Dessa forma, o presente artigo reflete sobre língua e comunicação no espaço denominado por nós de e-mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua, Comunicação, e-mundo.

ABSTRACT

The major goal of this paper is to set forth considerations on language and digital communication at present time. Societies, since the ancient to the most technological ones, can be understood as living and cultural exchange environments, which make them areas of free co-existence, learning, teaching and acquisition of values. Through History, language acted as an important mediation tool observed in interactions among members of a society. This communicational tool has been an efficient element of identity assumption, subversion, discourses and empowerments. Thereby, by the coming of Internet, language and communication reached new levels, breaking their old traditional standards. Consequently, this paper ponders about language and communication on what we name the contemporary e-world.

KEYWORDS: language, Communication, e-world.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da história da humanidade, o ser humano tem demonstrado interesse em dar nomes e organizar essas denominações como forma de registro. Com o passar do tempo, no entanto, o Homem não se “limita” mais apenas ao ato de registrar, começando a desenvolver reflexões sobre a própria linguagem. Nesse sentido, são de Platão (427 – 347 a.C.), as primeiras reflexões sobre o processo de denominação; quando, em *Crátilo* (V a.C.), discute a respeito da origem das palavras e a justeza dos nomes. Tem-se aí, a partir da nomeação das coisas, a formação daquilo que compreendemos, hoje, como léxico, uma vez que tudo aquilo que existe pode ser nomeado. Pela “arte da nomeação”, o homem passa, naturalmente, a organizar esse léxico constituído, transformando-o em comunicação para a necessária interação com seus pares.

Abbade (2006), citando Rousseau (2003), afirma que “não se sabe de onde é o homem, antes de ele ter falado”. Em outros termos, pode-se concluir que o homem só existe histórico e socialmente quando há uma linguagem que expresse sua questão social. A linguagem, afirma Abbade, faz parte da sua história. Essa linguagem é expressa por palavras, as quais constituem o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Desse modo, para compreendermos como o estado da língua e a mutabilidade da comunicação na sociedade contemporânea se coadunam, algumas reflexões sobre língua, cultura e sociedade são necessárias.

LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

A cultura brasileira reflete a heterogeneidade dos povos implicados no processo de colonização nacional – o índio, o negro e o português, uma vez que cada um deles trouxe e manteve em seus hábitos e costumes suas idiossincrasias. Os embates e acomodações observáveis como resultados dessa convivência, nem sempre harmônica, acabaram por produzir uma cultura que poderia ser compreendida, *grosso modo*, em duas áreas: a cultura indígena e a cultura alienígena, com a imposição da segunda sobre a primeira, uma vez que a chamada “cultura letrada” era do conhecimento dos portugueses, especificamente daqueles ligados às ordens religiosas, os jesuítas em destaque. Os religiosos operavam com o que Sodré

(1977) denomina de cultura transplantada, tendo em vista que na colônia ainda eram mínimos e distantes os ecos do Renascimento, bem como do Quinhentismo português.

Passadas décadas e décadas desde o “achamento” do Brasil, aproximações e diferenças concernentes aos seus formadores se estabeleceram nos hábitos e costumes do brasileiro. Assim sendo, as transformações observadas no desenvolvimento da língua portuguesa falada no Brasil se ampliaram e se expandiram, reinventando-se ao longo da existência e constituição de um Estado com língua própria, embora guardando fortes resquícios e semelhanças com a língua do colonizador, uma vez que sem a imposição da língua não se domina o colonizado.

Nesse sentido, convém observar o que afirma Mariani (2004), quando discorre acerca da colonização linguística:

A colonização linguística engendrada pela metrópole portuguesa é construída em torno de uma ideologia do *déficit* que, ao mesmo tempo, é tanto já existente e prévia ao contato propriamente dito quanto serve para legitimar a forma como a dominação se processa. (MARIANI, 2004, p.25)

A língua portuguesa falada no Brasil dos séculos XX e XXI guarda pouquíssima aproximação com a língua falada no Brasil até o final do século XIX, por exemplo. Isso se dá, uma vez que toda e qualquer sociedade se refaz e se reestrutura à medida que seu povo cresce e avança. Avançando o homem, avança a sociedade, seus modos de produção, seus meios e modos de comunicação. Desse modo, paradigmas sociais, econômicos, políticos ou culturais exigem uma adequação linguística, a qual também deve se mostrar renovada e em consonância com as exigências do seu tempo histórico.

Destarte, nessa era de extremos, como bem sentenciou Eric Hobsbawm (1917 – 2012), a comunicação avança a passos largos, reconhecendo as mais diversificadas plataformas digitais como veículos propícios para um compartilhamento comunicativo sem precedentes na história da humanidade. As transformações pelas quais passa a comunicação nos dias de hoje refletem, assim, as transformações históricas pelas quais passa a sociedade.

Assim, o advento da era digital passou a significar para o homem contemporâneo, muito mais do que a invenção da imprensa de Gutemberg (1398 – 1468) significou para o homem do período moderno. Assim como a invenção gutenberguiana causou grande estranhamento, a invenção do computador e, conseqüentemente, a comunicação por meio digital em diferentes plataformas ainda causa espanto, rejeição e dúvidas em muitos que percebem nisso tudo não um aporte a mais, mas o aporte que poderá eliminar os demais. Essa sensação

em relação ao novo já foi observada, mais recentemente, quando da invenção da televisão e dos aparelhos de *DVD* e *Blue-Ray*, como possíveis substitutos do cinema, bem como os leitores eletrônicos (*e-readers*) em relação ao livro, o que, pelo menos por enquanto, ainda não se concretizou.

Com o objetivo de dirimir tal questão, importantes reflexões nos foram trazidas por Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em *Não contem com o fim do livro* (2010) e *A questão dos livros: passado, presente e futuro* (2010), de Robert Darnton, por exemplo.

A humanidade tem alcançado relevantes avanços em todos os segmentos. No que diz respeito à comunicação, esta tem se debatido nos contextos duais de “forma e conteúdo”, assim como nos de “espaço e tempo”. Quase tudo na contemporaneidade tem a necessidade de ocorrer em altos níveis de velocidade. No e-mundo pautado pela velocidade dos acontecimentos não poderia ser diferente, o que implica em uma readaptação, da nossa parte, em tudo aquilo que diz respeito ao ato de comunicar. Sobre essa exiguidade temporal, Umberto Eco afirma:

A velocidade com que a tecnologia se renova impõe-nos um ritmo insustentável de reorganização contínua dos nossos hábitos mentais, é verdade. A cada dois anos, seria preciso mudar de computador, uma vez que é precisamente dessa forma que são concebidos esses aparelhos: para se tornarem obsoletos após um certo prazo, consertá-los custando mais caro que substituí-los. A cada ano seria preciso mudar de carro porque o novo modelo apresenta vantagens em termos de segurança, de acessórios eletrônicos etc. e cada nova tecnologia implica a aquisição de um novo sistema de reflexos, o qual nos exige novos esforços, e isso num prazo cada vez mais curto. Foi preciso quase um século para as galinhas aprenderem a não atravessar a rua. A espécie terminou por se adaptar às novas condições de circulação. Mas não dispomos desse tempo. (ECO, 2010: 41-42)

Os nossos modos de dizer, nos meios que usávamos para dizer, na velocidade que dispúnhamos; não mais se aplicam aos tempos em que vivemos. A fluidez da comunicação contemporânea exige novos paradigmas de realização, os quais devem estar em consonância com a forma, os meios e a velocidade requerida pelo tempo no qual se inserem as enunciações da língua e da comunicação.

QUANDO “VC” AINDA ERA “VOSSA MERCÊ”

A invenção da imprensa, por volta do século XV, se dá em meio a um aparato de formalidades linguísticas ainda engessadas em uma maneira canônica de se compreender as atividades comunicativas, ou seja, sem a possibilidade de se perceber todo o amplo espectro

das formas de dizer. Assim sendo, ao convidar alguém para deixar um determinado ambiente, no século XV, a expressão utilizada seria provavelmente “vamos em boa hora”, a qual era perfeitamente compreensível para os interlocutores da conversa. Com o passar dos séculos, a ideia incutida na referida expressão continua a mesma, mas a maneira de dizer hoje a mesma coisa que se dizia no século de Gutenberg, mudou consideravelmente; tendo-se assim, a seguinte evolução: vamos em boa hora → vamos embora → vambora/vumbora/simbora → bora → bó. Com a expressão de tratamento de deferência “vossa mercê”, também recorrente no século XV, observam-se transformações semelhantes, a saber: vossa mercê → vossemecê → vosmecê / vosmicê → vancê → você → vc. Tais alterações, convém ressaltar, não se limitam apenas a questões de grafia, mas também de sentido.

Observe-se que a distância temporal entre “vossa mercê” e “vc” consiste em pelo menos seis séculos. O distanciamento temporal de dimensões abissais, observados nos exemplos citados, reforça a constatação de que a invenção da escrita constitui-seno avanço tecnológico mais importante da história da humanidade; uma vez que ela transformou o ser humano em suas relações com o passado, além de ter aberto caminhos para o surgimento do livro como força histórica.

A história do livro, afirma Darnton (2010), levou a uma segunda mudança tecnológica quando o códice substitui o pergaminho, logo após o início da Era Cristã. O códice, por sua vez, foi transformado, continua Darnton (2010), pela invenção da impressão com tipos móveis, na década de 1450. Daí por diante, a necessidade de comunicar de maneira cada vez mais rápida fez com que surgissem no âmbito da chamada comunicação digital, ou eletrônica, como preferem alguns, diferentes plataformas e aparatos de comunicação que têm permitido que a comunicação se dê de maneira cada vez mais rápida.

Ao discorrer sobre a comunicação eletrônica como a quarta grande mudança fundamental na tecnologia da informação, Robert Darnton assevera que:

A comunicação eletrônica, a quarta grande mudança, aconteceu ontem – ou anteontem, dependendo dos seus parâmetros. A internet, pelo menos como termo, data de 1974. Foi desenvolvida a partir da ARPANET, surgida em 1969, e de experimentos anteriores com comunicação entre redes de computadores. A web teve início em 1991, como uma ferramenta de comunicação entre físicos. Websites e mecanismos de busca se tornaram comuns na metade da década de 1990. E a partir desse ponto todos conhecem a sucessão de nomes que transformaram a comunicação eletrônica numa experiência cotidiana: Gopher, Mosaic, Netscape, Internet Explorer, e Google, fundado em 1998.

Disposta dessa forma, a velocidade das mudanças é de tirar o fôlego: da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo? (DARNTON, 2010, p. 40-41)

A pergunta de Robert Darnton: “o que está por vir no futuro próximo?” é tão oportuna quanto esfíngica. Para ela ainda não é possível apontar uma resposta que seja objetiva e ao mesmo tempo determinante, uma vez que a língua não se constitui como um fenômeno estático, mas dinâmico e, por isso mesmo, em constantes transformações que se dão de acordo com as necessidades dos falantes. Assim, se a comunicação exige maior velocidade para se exprimir, pondo-se em contato com um maior número possível de interlocutores interagindo em rede, por exemplo, caberá ao usuário se adequar àquilo que a língua exige dele.

Para que a comunicação no e-mundo se dê de forma satisfatória, os interlocutores envolvidos no processo comunicativo deverão reconhecer, utilizar e transformar a língua de acordo com as exigências do ato comunicativo. Isso, certamente, implica em adequações que dizem respeito às estruturas formais da língua, bem como uma melhor aplicabilidade, a qual dependerá do suporte eletrônico que está sendo usado como veículo de comunicação.

Algumas pessoas, no entanto, ainda se mostram resistentes quanto ao que quer e o que pode a língua. Ao contrário do que muitos acreditam, a maneira de se usar a língua na comunicação digital não constitui retrocesso, mas inovação, mudança e inventividade. Ao discorrer sobre essa questão, Irandé Antunes (2012) corrobora o que afirmamos, quando diz que:

Parece comum, mesmo entre as pessoas escolarizadas, considerar a língua nesse ininterrupto movimento de transformação. É mais comum, ao contrário, pensar em uma língua estática, cujo repertório de palavras está completo, fixo e inalterável, na memória dos falantes e nas páginas dos dicionários. Até somos capazes de aceitar as mudanças que ocorreram no passado; no entanto, relutamos em considerar como natural o movimento que continua acontecendo; quase sempre o vemos como ameaça à integridade e ao “bom estado da língua”. Para muitos, as mudanças linguísticas significam deterioração ou decadência da língua. (ANTUNES, 2012, p. 30)

LÍNGUA E COMUNICAÇÃO NO E-MUNDO CONTEMPORÂNEO

Denominamos de e-mundo o espaço que, mesmo não sendo físico ou real mantém estreita aproximação comunicativa com esse, chegando a se confundir, como se ambos fossem um único. O mundo digital (e-mundo) do qual tratamos aqui não se ressentir da falta de engessamentos linguísticos, especificamente quando diz respeito ao estabelecimento de comunicação. A imobilização e a conservação de hábitos e costumes tão recorrentes em tempos idos, já não se refletem na constituição do mundo digital no qual todos, querendo ou não, estão inseridos. O e-mundo contemporâneo guarda aproximações com o que o pensador polonês Zygmunt Bauman define como “mundo líquido”. Tal qual o “mundo líquido” de Bauman (2011), o qual é físico, o mundo digital está em constantes mutações, de forma que o que hoje pode ser considerado de extrema relevância, amanhã poderá não ter relevância alguma. A intersecção entre esses dois mundos se dá pela mediação feita pela comunicação, proporcionada pelos mais variados aparatos tecnológicos, que permitem ao ser humano abrir “portais” de um mundo para o outro com o intuito de comunicar.

Contudo, não é objetivo do presente artigo discutir “o que se comunica”, mas “como se comunica”. Desse modo, é a maneira como a língua é utilizada na comunicação do e-mundo contemporâneo que realmente vem ao caso. É claro que a língua, em todo o seu aparato formal, tal qual a encontramos nas obras de Machado de Assis (1839 – 1908), por exemplo, não se sente representada nas conversas estabelecidas no mundo digital. Para alguns, isso empobrece a comunicação digital, enquanto para outros a comunicação nesse tipo de suporte requer uma língua que se mostre fluida, rápida e eficaz. Uma coisa, no entanto, não elimina a outra. Assim sendo, a maneira como a língua é usada em comunicações na Internet, depende muito de quem a usa. Os autores de *blogs*, por exemplo, costumam demonstrar certa preocupação e zelo com a língua, no que concerne aos seus aspectos mais formais. Contudo, principalmente para os adolescentes e as novas gerações, menos palavras e mais *emoticons*, por exemplo, contribuem para que a comunicação se dê de forma cada vez mais eficiente. Embora pautados pela forma escrita da língua, na maioria das vezes os diálogos desenvolvidos no e-mundo apresentam fortes características da oralidade, sendo exatamente isso o que constitui, para as novas gerações, a “eficiência” da língua, no desenrolar da comunicação, no âmbito do mundo digital. Em outras palavras, o nível do repertório linguístico utilizado na comunicação digital jamais se apresentará recorrente, tendo em vista que sofrerá alterações de acordo com a idade, a identidade e o gênero de quem fala, o que fala, como fala, e em qual contexto social sua fala está situada.

Sobre a Internet, como canal eletrônico de comunicação, David Crystal afirma:

A Internet é um veículo eletrônico, global e interativo, e cada uma dessas propriedades traz consequências para o tipo de linguagem encontrado lá. A influência mais fundamental provém do caráter eletrônico desse canal. Obviamente, as opções de comunicação do usuário são determinadas pela natureza do *hardware* necessário para se obter acesso à Internet. Assim, uma série de caracteres em um teclado determina a capacidade linguística produtiva (o tipo de informação que pode ser enviado); e o tamanho e a configuração da tela definem a capacidade linguística de recepção (o tipo de informação que pode ser visto). Tanto os que enviam quanto os que recebem se veem ainda mais constrangidos linguisticamente pelas propriedades do aplicativo e do *hardware* de Internet que os une. Existem, portanto, certas atividades linguísticas que o veículo pode facilitar bastante, e outras com que ele não consegue lidar de modo algum. Há também algumas atividades linguísticas permitidas pelo meio eletrônico que nenhum outro veículo consegue alcançar (...). (CRYSTAL, 2005, p. 80)

Muitas das considerações apontadas por Crystal já não se constituem obstáculos para a efetivação da atual comunicação digital. Algumas das limitações linguísticas apresentadas pelo autor de *A revolução da linguagem* (2005) foram se não totalmente resolvidas, adaptadas, o que não impede a relação de aproximação entre aqueles que enviam e aqueles que recebem mensagens.

Nota-se mais uma vez, a velocidade com que se dão as mudanças tanto no meio (veículo), quanto na forma de se manter uma comunicação através da Internet. Se tomarmos por base o que afirma Crystal na primeira edição do seu livro, em 2004, sobre essa questão, convém ressaltarmos que a criação do *Facebook* se dá nesse mesmo ano; enquanto a criação do *Twitter* ocorre dois anos depois, em 2006. O advento das referidas redes sociais contribuirá, assim, para inúmeras mudanças nas formas de se comunicar na era digital. Nesse caso, muitas das observações que estão postas em *A revolução da linguagem* (2005), face ao surgimento do *Facebook* e do *Twitter*, no que concerne à comunicação via Internet, já não se aplicavam.

PARA ALÉM DE UM MUNDO SEM FIO

O processo de democratização da Internet no Brasil cresce de forma exponencial, ao levarmos em consideração seus tímidos passos quando da sua chegada ao país no ano de 1988. Desde então, dos paquidérmicos computadores da época aos mais modernos *smartphones*, o desejo da maioria dos brasileiros (desejo universal, na verdade) é estar conectado ao mundo exterior. Dessa forma, a Internet se mostrou como espaço de

comunicação, podendo ser acessado pelas mais variadas pessoas por meio de diferentes veículos, com os mais diversos interesses. De todos eles, o que prevalece é o interesse pela comunicação. Assim sendo, é possível manter comunicação via Internet por meio de *smartphones*, *tablets*, *iPads* e *iWatches*; por exemplo. Esses aparatos tecnológicos permitem que os usuários se conectem às redes sociais como *GooglePlus*, *Twitter* e *Facebook*; bem como a diários virtuais como *blogs* e *vlogs*, e ainda aos aplicativos de mensagens como *Viber* e *WhatsApp*; entre outros.

Embora a Internet tenha sido por certo tempo, ambiente dominado pela língua inglesa, não demorou muito para que se tornasse ambiente multilíngue. E nessa seara, a língua portuguesa se configura, conforme Rehm e Uszkoreit (2012), como a quinta língua mais usada na Internet, atrás do inglês, chinês, espanhol e japonês.

Assim sendo, à medida que a infraestrutura de comunicações vai se ampliando nos continentes sul-americano, africano e asiático; observa-se que a Internet tem se tornado uma espécie de terreno de “democratização linguística”, reproduzindo em seu e-mundo aquilo que ocorre no espaço real. Isso, contudo, não deve ser compreendido como unidade, mas como diversidade e caos; uma vez que não havendo uniformidade no uso deste ou daquele veículo, não há como se exigir qualquer forma de padronização nos usos que se faz da língua quando usada em comunicações no mundo digital.

O advento, ascensão e manutenção das novas tecnologias requerem novos olhares linguísticos para a prática milenar da comunicação escrita, não cabendo análises apressadas, preconceitos ou limitações críticas acerca daquilo que, tal qual um *iceberg*, se mostra muito pouco na superfície, enquanto guarda uma enormidade sob a água. Tampouco servem parâmetros linguísticos tradicionais, excludentes e conservadores para avaliar o que se mostra como novo e transgressor. Se o objeto é outro, que outros também sejam os olhos que se deitam sobre esse objeto.

A nova forma de registro gráfico comunicacional que se dá no âmbito do mundo digital não reconhece as normas clássicas canonizadas pela cultura linguística que a antecede, uma vez que essa, ao contrário daquela, opera alcances de recepção que se dão simultaneamente no mesmo momento em que se dá a produção da comunicação propriamente dita. Dessa maneira, não serão mais as nomenclaturas gramaticais que irão pautar as funções da escrita e da comunicação na contemporaneidade, mas os textos produzidos no âmbito do

ciberspaço que, por suas características transmidiais, exigirão uma ressignificação e, por conseguinte, uma redefinição das funções dos elementos da comunicação.

COMO SE DIZ O QUE SE DIZ

A comunicação escrita no mundo digital se articula sobre alguns preceitos que, devido à recorrência do uso, acabaram por se tornar recorrentes. Dentre os vários preceitos, além da necessária rapidez, observa-se a adequação da forma escrita às normas fonológicas, bem como uma readequação da língua àquilo que se deseja comunicar. Desse modo, a chamada “norma culta”, com todo o seu aparato vernacular, é deixada de lado pela maioria dos usuários do e-mundo, uma vez que não atende aos anseios requeridos pela rapidez e eficácia na interação comunicativa da contemporaneidade.

A velocidade e a rapidez exigidas na comunicação mediada por computador (CMC) não operam com as normas da ortografia formal, optando pelo uso de uma escrita baseada em letras minúsculas, sendo as maiúsculas de uso limitado, utilizadas apenas quando da necessidade de se dar ênfase a determinado termo ou expressão em uma conversa. Esse recurso é denominado de “grito”. No que concerne aos usos da pontuação, percebe-se não haver preocupação com o uso da vírgula, bem como de outras formas gerais de pontuação. Essa costuma ocorrer, quando se deseja enfatizar, de maneira exagerada determinadas situações. Para esses casos, por exemplo, as reticências, os pontos de exclamação e interrogação são costumeiramente utilizados. Um exemplo do que afirmamos seria [“Geórgia, te amo muito!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”].

As estruturas sintáticas observadas no universo da comunicação digital não apresentam complexidade gramatical. Ao contrário, são simples e elípticas; constituídas por um léxico também simples, com a presença de onomatopeias (kkkkkk, huahuhua e hahahaha; por exemplo) e a recorrência de gírias e abreviações (bfs = bom final de semana e blz = beleza; por exemplo). Isso, por outro lado, implica em uma forma comunicativa que se repete linguisticamente, de um interlocutor a outro, sem praticamente apresentar alterações estilísticas. No entanto, isso não deve ser visto como um problema ou obstáculo à comunicação, uma vez que poderá ser resolvido em um futuro breve, tendo em vista o dinamismo comum às línguas.

O que deve ser desconsiderado e rechaçado é toda e qualquer forma de engessamento e preconceito linguístico, no que concerne aos possíveis usos da língua nos atos de comunicação digital, como se o mundo não fosse constituído de elementos, como afirma Irandé Antunes (2012), de inexorável instabilidade e variabilidade. Sobre isso, a autora afirma:

Tudo muda; tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. Consequentemente, a língua também é instável e variável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que têm lugar as ações da linguagem que empreendemos. (ANTUNES, 2012, p. 28)

A instabilidade e variabilidade das quais trata Antunes (2012) podem ser observadas, por exemplo, nas abreviações recorrentes em comunicações digitais. Tais abreviações não constituem matéria de hoje, uma vez que já eram utilizadas em documentos da Idade Média, quando da necessidade que os monges copistas tinham de imprimir certa velocidade aos livros e documentos que reproduziam. No período colonial brasileiro, as abreviações também podem ser identificadas em documentos do século XVII. Na primeira página da *Relação do Maranhão* (1609), documento escrito pelo padre Luis Figueira, da Companhia de Jesus, por exemplo, é possível observar: jan.^{ro}= janeiro (linha 1), pr.^{al} = provincial (linha 2), com = cõ (linha 3) que = q' (linha 5), assim = assi (linha 11). A opção por abreviar palavras implica na tentativa de se otimizar tempo e espaço. Contudo, uma vez que não há uma normatização nesse sentido, a maneira de se abreviar fica a cargo de quem o faz, o que resulta em inúmeras e variadas formas de fazê-lo.

No caso das abreviações que são recorrentes no âmbito da comunicação digital, embora não constituam regra, costuma-se observar palavras abreviadas tomando-se a primeira letra de cada sílaba, geralmente representada por consoantes. Por exemplo: pq (porque), kd (cadê), td (tudo), vc (você), tb (também), bj (beijo), hj (hoje). Há também, a utilização de números, sinais gráficos e letras que, quando devidamente combinados, incorrem em resultados como: 9dad (novidade), D+ (demais), D- (de menos), S2 (adorei) e []'S (abraços).

A utilização de símbolos constitui-se em outro recurso utilizado para demonstrar, no ato da comunicação, reações que são comuns quando da comunicação oral, ou seja, quando face a face, um interlocutor de um diálogo percebe gestos de agrado, desagrado, aprovação ou reprovação na face do outro. No ato da comunicação digital, essas reações são representadas por números, sinais de pontuação, parênteses, colchetes, aspas e travessões; por exemplo. Essas representações metacomunicativas são denominadas de *emoticons*, termo que resulta

da união das palavras de língua inglesa *emotion* (emoção) e *icon* (ícone), o que seria, em tradução livre, “ícones de emoção”; os quais têm o objetivo de representar graficamente sentimentos e reações como tristeza, surpresa, alegria, susto etc. Dessa forma, algumas situações de alegria e tristeza são representadas da seguinte maneira, respectivamente: ☺, ☹. As mesmas situações também ocorrem como: [:- (e :-)].

As observações que apontamos acerca de como se dá o uso da língua e a realização da comunicação no e-mundo contemporâneo são apenas algumas, em meio a tantas, limitadas pela exiguidade do espaço desse texto. O que pretendemos afirmar não constitui novidade na sua efetivação enquanto realidade comunicativa. É óbvio e notório que há uma nova forma de comunicação se estabelecendo, devendo ser vista, estudada e compreendida como crescimento e mudança; não como um “apequena” de algo que simplesmente não se pode apequena: a língua.

Assim sendo, a diversidade da vida e do mundo se reflete nas mais variadas formas de comunicação proporcionadas pela amplitude do universo digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações linguísticas que estão em curso nas línguas tal qual elas têm sido utilizadas nas comunicações em nível digital, apontam também para transformações que podem ser observadas na sociedade globalizada, especificamente naquilo que diz respeito às questões de identidade, ética e direitos humanos; por exemplo. Não se pode negar que a comunicação que se dá mediada pelo computador (entendemos como computador, todo e qualquer veículo que possa estabelecer comunicação via Internet), no contexto da contemporaneidade se mostra como uma forma de subversão política, uma vez que, via comunicação, consegue burlar algumas das estruturas de dominação do Estado sobre as liberdades individuais. Sem o controle da língua não há como exercer o cerceamento e a dominação.

Destarte, a comunicação naquilo que denominamos de e-mundo, não se limita apenas ao ambiente digital, uma vez que acaba por impor transformações nas relações tradicionais de sustentação da língua, da cultura e da sociedade em todos os seus aspectos; mais especificamente sobre os hábitos tradicionais da cultura escrita. Assim, a tão criticada

heterodoxia linguística observada hoje na comunicação digital pode, com o passar do tempo, deixar de ser caos para virar estrela; pois as línguas, os tempos e os seres humanos estão constantemente em mutação.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. “O Estudo do Léxico”. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis et al (org). *Diferentes Perspectivas dos Estudos Filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.p. 213-224.

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras – estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto e CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FIGUEIRA. Luís, apud STUART, Barão de. “A Relação do Maranhão, 1608, pelo jesuíta Padre Luiz Figueira enviada a Cláudio Aquaviva”. In: Revista do Instituto do Ceará. 1887, Tomo I. Disponível em: <<http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1903/1903-RelacaodoMaranhao1608.pdf>>. Acesso em: 1º de agosto de 2015.p. 97-138

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos – o breve século XXI (1914 – 1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PLATON. *Cratyle*. Paris: GF – Flamarion, 1998.

REHM, Georg e USZKOREIT, Hans (Orgs.). *A língua portuguesa na era digital*. Coleção livros brancos – Meta Net. Springer: Berlim, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da Cultura Brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Recebido em 01 de agosto de 2015

Aceite em 03 de setembro de 2015

Como citar este artigo:

SILVA, Francisco Carlos Carvalho da; CARVALHO, Geórgia Gardênia Brito Cavalcante. Como Se Diz O Que Se Diz: Língua e Comunicação no e-Mundo Contemporâneo. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul-dez. 2015. p.274-287.-Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/dossie/Palimpsesto21dossie03.pdf> >. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.